



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE
FILOSOFIA

ALEX NASCIMENTO
ANDRADE DOS
SANTOS

O AUTOSSACRIFÍCIO: O POSSÍVEL ATO VIRTUOSO DE UM
SUICÍDIO NA FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

SALVADOR
2020

ALEX NASCIMENTO ANDRADE DOS SANTOS

**O AUTOSSACRIFÍCIO: O POSSÍVEL ATO VIRTUOSO DE UM SUICÍDIO NA
FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA**

Trabalho monográfico apresentado pelo aluno Alex Nascimento Andrade dos Santos ao Curso de Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

ORIENTADOR/A: Prof. Dr. Jarlee Oliveira Silva
Salviano

SALVADOR
2020

ALEX NASCIMENTO ANDRADE DOS SANTOS

**O AUTOSSACRIFÍCIO: O POSSÍVEL ATO VIRTUOSO DE UM SUICÍDIO NA
FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA**

Monografia apresentada à Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Colegiado de Filosofia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Salvador (BA), 21 de dezembro de 2020.

Aprovado por:

Prof. Dr. Jarlee Oliveira Silva Salviano
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Kleverton Bacelar Santana
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Flamarion Caldeira Ramos
Universidade Federal do ABC

SALVADOR
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim mesmo por ter sido o meu próprio vigia e companheiro em muitos momentos de desespero. Momentos em que pensei estar completamente sozinho. Passei a vencer inúmeras batalhas diárias quando, finalmente, percebi que tinha um grande aliado ao meu lado, e não um inimigo como imaginava ser.

Às minhas tias Ana Andrade e Ivone Andrade pelo apoio que me deram e por acreditarem em meu potencial, cada uma a sua maneira. Foram como duas mães para mim.

À minha avó Anita Andrade por ter sido um exemplo de ser humano, o meu orgulho como matriarca da família Andrade e por ter sido a minha mãe. Eternas saudades.

Ao meu amigo-irmão André Ribeiro por ouvir os meus desabafos e por me dar forças em momentos difíceis durante a minha trajetória.

À Pró-reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE), em especial na figura da Vera e da Joelma, que me acolheram em meu momento crítico de fragilidade mental e socioeconômica. Foram fundamentais para meu progresso e conclusão deste ciclo acadêmico dentro dessa Universidade.

Ao professor Jarlee por acreditar em meu potencial e me orientar neste trabalho.

Ao professor Kleverton pela solicitude se colocando à disposição para me ajudar em minha sobrevivência universitária e pelas orientações.

À Natália Leão, minha parceira, minha confidente, pelo extraordinário carinho e amor que tem me dado todos os dias. Meu porto seguro.

"Quero escrever o borrão vermelho de sangue com as gotas e coágulos pingando de dentro para dentro. Quero escrever amarelo-ouro com raios de translucidez. Que não me entendam pouco-se-me-dá. Nada tenho a perder. Jogo tudo na violência que sempre me povoou, o grito áspero e agudo e prolongado, o grito que eu, por falso respeito humano, não dei. Mas aqui vai o meu berro me rasgando as profundas entranhas de onde brota o estertor ambicionado. Quero abarcar o mundo com o terremoto causado pelo grito. O clímax de minha vida será a morte. "

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno do suicídio motivado pelo autossacrifício, isto é, quando o sujeito escolhe a própria morte como único fim de salvar a vida de outrem e, dentro da filosofia schopenhaueriana, analisar se este ato suicida possui valor moral. Primeiramente, reconstruiremos o argumento metafísico da Vontade de Schopenhauer através do Livro II da sua obra magna “*O mundo como vontade e como representação*”. Em seguida, reconstruiremos os argumentos do filósofo em sua ética da compaixão, a sua fundamentação metafísica a respeito da morte e seus argumentos contrários ao suicídio contidos no Livro IV da mesma obra e em outros escritos suplementares. Posteriormente, apresentaremos, de forma objetiva, estes conceitos a fim de expor a justificativa pessimista pelo filósofo acerca do suicídio. Por fim, trataremos o autossacrifício como motivador do ato suicida e analisaremos, a luz da ética compaixão, se esta condição converte tal ato para uma ação de negação da Vontade, ou seja, uma ação dotada de valor moral. O objetivo desse trabalho não é aprofundar no debate a respeito da metafísica e nem na ética da compaixão do filósofo, mas sim apresentar os fundamentos que torna a filosofia schopenhaueriana contrária ao suicídio e, a partir disto, apresentar uma hipótese acerca de uma motivação moral em um ato genuinamente compadecido e de amor verdadeiro no autossacrifício.

Palavras-chave: Autossacrifício; Suicídio; Schopenhauer; Ética.

ABREVIações UTILIZADAS

MVR I - O mundo como vontade e como representação. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — 2.ed. — São Paulo: Editora UNESP, 2015

FM – Sobre o fundamento da moral. Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MM – Metafísica do amor; metafísica da morte. Trad. Jair Barboza: revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FR – La filosofía de la redención. Trad. de Sandra Baquedano. Chile: FCE, 2011.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1:	
1. Metafísica da Vontade	12
1.1 O mundo como representação.....	12
1.2 A Vontade e as vontades	13
Capítulo 2:	
2. A ética da compaixão	16
2.1 O sentimento da compaixão como único critério das ações com valor moral	16
2.2 O ascetismo como concretude da negação da Vontade	18
Capítulo 3:	
3. A indestrutibilidade da nossa essência pela morte	22
3.1 A naturalidade e o medo da morte	22
3.2 A superação do medo da morte através do conhecimento da nossa essência	24
Capítulo 4:	
4. O suicídio	26
4.1 O suicídio como problema filosófico	26
4.2 O querer viver no ato do suicídio	27
4.3 A inanição como suicídio que nega a Vontade	29
Capítulo 5:	
5. A possibilidade do valor moral no suicídio através do autossacrifício	30
5.1 O autossacrifício	30
5.2 A admiração e o bem alheio no autossacrifício	31
5.3 O amor no autossacrifício dos mártires	33
Conclusão	36
Referências	40

Introdução

A morte é motivo de angústia e medo por parte de qualquer ser humano. Preservar a vida parece ser muito mais do que uma atitude natural. Talvez essa atitude seja uma aspiração primitiva em qualquer ser vivo racional ou não. Então o que levaria uma pessoa, deliberadamente, tirar sua própria vida? É aceitável e justificado aceitar um desejo que, aparentemente, fere a vida que é o bem mais precioso do ser vivo? Todo e qualquer motivo que leve ao suicídio o configuraria como uma atitude de covardia e fraqueza de espírito, ou seria um ato heroico e honroso?

O suicídio é tratado de forma bastante cautelosa mergulhada em diversos tabus. Comumente estudada pelas ciências sociais e pela psicologia, o estudo do fenômeno do suicídio também tem um papel fundamental na filosofia. Na filosofia antiga, filósofos como Sêneca já tratavam do suicídio. Ele achava comum para o homem ter a liberdade de se matar. O pensamento senequiano encara toda atividade de reflexão filosófica e todo caminho durante a vida é, nada mais, do que uma preparação para a morte. O estoicismo não considerava o suicídio como uma fuga ou um ato irracional, mas sim uma escolha bastante racional que os sábios escolhiam a fim de se afastar de uma vida que não lhe permitia viver conforme a sua natureza, assim usando a sua própria liberdade para renunciar uma vida que não lhe fosse boa suficiente.

Durante a Idade Média, com o avanço do cristianismo pela Europa, o debate sobre o suicídio caiu num viés religioso de desaprovação por ferir uma ordem divina, isto é, o suicídio seria um pecado. Santo Agostinho condenava o suicídio com um argumento em prol da vida, esta que seria uma dádiva divina. Somente o Criador teria o direito de tirá-la de nós, suas criaturas. Ninguém teria o direito de se matar sob a justificativa de que, no quinto mandamento, não prevê nenhuma exceção. O mandamento do “não matarás” será também apoio argumentativo para condenar o suicídio em Tomas de Aquino.

O suicídio, portanto, é proibido por três razões fundamentais: é um atentado contra a natureza e contra a caridade, já que contradiz a inclinação natural de viver e o dever de amarmos a nós mesmos; é um atentado contra a sociedade, pois fazemos parte de uma comunidade e temos um papel a desempenhar; é um atentado contra Deus, que é dono de nossa vida. A comparação é esclarecedora:

“Aquele que se priva da vida peca contra Deus, do mesmo modo que aquele que mata um escravo peca contra o dono do escravo”. (MINOIS, 2018, p.38)

Em “O mito de Sísifo”, Albert Camus inicia julgando o problema do suicídio como o único problema filosófico sério. Para ele, “julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”¹.

Contrário ao que dizem alguns adeptos de religiões monoteístas, que julgam ser uma injustiça e até mesmo um crime por parte daquele quem escolhe morrer, Schopenhauer diz que é absurdo achar que a busca pela morte voluntária seja um ato criminoso contra si mesmo. Se ainda assim essa linha de raciocínio absurda de ilicitude, mesmo que hipoteticamente, fosse seguida, um crime prevê uma punição contra o criminoso, no entanto, qual punição amedrontaria quem que já desistiu da vida? “Absolutamente ridícula”² diz o filósofo a respeito dessa hipótese que já foi realidade na Inglaterra do século XIX. Para ele, a única razão moral justa contra o suicídio havia sido apresentada em sua obra.

Há uma possibilidade de que o suicídio cause dor a outrem por causa da ausência física do suicida ao ser julgado de indiferente ao sofrimento dessas pessoas, apontado como egoísta por seus pares. Sobre esse julgamento feito pelas pessoas a respeito de se o suicida foi indiferente ou não, o schopenhaueriano Philipp Mainländer³, de forma excepcional, escreveu:

Quão fácil cai a pedra da mão ante o túmulo de um suicida, quão difícil, ao contrário, foi a luta do pobre homem, que rezou tão bem. Primeiro ele lança de longe um angustiado olhar à morte e se afasta aterrorizado; então, tremendo ele a circunvolteia em grandes círculos; contudo, a cada dia, estes vão se tornando mais e mais estreitos e, por fim, ele enlaça seus braços fatigados ao redor do pescoço da morte e a fita nos olhos: e então haverá paz, doce paz. (MAINLÄNDER, apud PUENTE, 2008, p. 165)

¹ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 2017, p. 19.

² SCHOPENHAUER, apud PUENTE, 2008, p. 150

³ Philipp Mainländer (1841-1876) foi um filósofo alemão que integrou, junto com Julius Bahnsen (1830-1881) e Eduard von Hartmann (1842-1906), o grupo chamado de os pessimistas metafísicos. Eles partiram das premissas da metafísica da Vontade de Schopenhauer (o qual era considerado como mestre) e construíram metafísicas distintas do mestre. Foi autor da obra *Die Philosophie der Erlösung* (Filosofia da redenção) que, segundo ele, serviria para além de uma construção de um sistema filosófico, mas que serviria, principalmente, como construção de um programa de vida a ser seguido.

O suicídio seria uma forma de redenção dentro da sua filosofia. Segundo Baquedano (2007), o pessimismo autodestrutivo mainländeriano substitui o conceito de negação de Schopenhauer pelo de destruição. A vontade de morte é a consciência da vida como meio para alcançar a libertação através da morte.

Para Schopenhauer, o suicídio é “um ato inútil e tolo”⁴. Esse pensamento do filósofo se dá por estar diretamente ligado ao seu argumento metafísico da Vontade. Além disso, o suicídio seria um ato de afirmação da própria vontade diante de obstáculos que a vida impõe. A única solução para uma libertação das dores deste mundo lamentável seria negando a Vontade e não afirmando como se dá no ato suicida. Essa negação se daria no princípio asceta que, para Schopenhauer, é um ponto de vista moral muito superior. Eventualmente o sujeito asceta chega a uma morte deliberada, porém moral e louvada. Um suicídio por inanição onde deixou-se de querer completamente.

Parece-nos que o fenômeno do suicídio possui motivações muito mais amplas e complexas do que um simples se desesperar. Existe quem flerte com a morte voluntária por um sofrimento insuportável; há quem também escolha deixar a vida após uma reflexão profundamente melancólica acerca da sua existência; há a possibilidade em que o indivíduo escolhe a sua própria morte em prol da salvação de uma outra vida ou de outras vidas. E é sobre essa motivação que iremos nos debruçar. Tirar a sua própria vida, ainda que em função do bem-estar do outro, poderia ser uma ação moral? A Vontade estaria sendo negada nesse caso?

A partir do entendimento da metafísica da Vontade e da ética da compaixão, tentaremos reconstruir o argumento schopenhaueriano a respeito da recusa do filósofo sobre o ato suicida. Em seguida, levantaremos uma interpretação a respeito deste ato em que, dentro do entendimento do autor, a possibilidade do suicídio se configurar um ato honroso, nobre e, portanto, moral.

⁴ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p. 462.

1. Metafísica da Vontade

1.1 O mundo como representação

A filosofia schopenhaueriana se contrapõe a um paradigma construído desde a antiguidade grega, no qual a razão era uma norteadora e legisladora de toda ordem epistemológica do mundo. A Vontade⁵, a coisa em si do mundo, não possui qualquer fundamento racional e aqui está um dos principais pilares para a angústia e sofrimento do homem cá neste mundo.

No mundo, sob o aspecto fenomênico, o sujeito cognoscente apreende os objetos que os cerca através do princípio de razão, ou seja, o conhecimento desse mundo material se dá através do espaço, tempo e da casualidade. Estes objetos de conhecimento são as representações. “O mundo é representação”⁶. Porém, diz Schopenhauer, este mundo empírico é ilusório, ele é o véu de Maya⁷. O mundo como representação seria apenas uma cópia da sua essência. “É apenas a imagem copiada da sua essência”⁸. A partir do mundo, estamos sujeitos ao engano.

O essencial dessa visão é antigo: Heráclito lamentava por ela o fluxo eterno das coisas; Platão desvalorizava o seu objeto como aquilo que sempre vem a ser sem nunca ser; Espinosa nomeou tal fluxo meros acidentes da substância única, existente e permanente; Kant contrapôs o assim conhecido, como mera aparência, à coisa em si: por fim, a sabedoria milenar dos indianos diz: “Trata-se de Maya, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem que não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do Sol sobre a areia tomado à distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como uma serpente.” (SCHOPENHAUER, 2015, p.9)

⁵ Aqui seguirei usando, como faz Jair Barboza na segunda edição da sua tradução, Vontade com a inicial maiúscula como coisa em-si do mundo “*Wille zum Leben*” (“Vontade de vida”) para diferenciar das vontades, em minúsculo, como o querer, do alemão *Wollen*, no sentido empírico. Importante salientar que a Vontade é uma coisa só. Ainda que tenha um sentido metafísico de unicidade e um outro como multiplicidade das diversas representações encontradas no mundo. Além disso, na língua alemã todo substantivo é grafado com a inicial maiúscula, portanto a vontade, do alemão *Wille*, inicia-se com uma consoante no maiúsculo

⁶ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p.4

⁷ Maya é uma deusa da mitologia hinduísta, mas também é encontrada nas mitologias de outras religiões indianas tais como no budismo e no jainismo O significado literal para o seu nome é “ilusão” ou “mágica”. Esta deusa é tida como aquela que “cega” os homens com ilusões, pois encobriu o mundo com o seu véu e todos os devotos que estão cobertos, são incapazes de enxergar a verdade.

⁸ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p.175.

Diferentemente das múltiplas representações que existem no mundo, a Vontade é una. Ela é a lei que tudo move, é a essência e coisa em si.⁹ Portanto, fora do tempo, espaço e da casualidade. “O conceito de Vontade, ao contrário, é o único dentre todos os conceitos possíveis que não têm sua origem na aparência”¹⁰.

1.2 A Vontade e as vontades

Apesar dos seus fenômenos estarem condicionados, a Vontade está, de modo independente, desvencilhada das amarras as quais estão submetidas as representações. Ela é o “único núcleo das aparências”¹¹. Não é uma por oposição à pluralidade ou unidade nascente através da abstração da pluralidade, mas una por estar fora do tempo e do espaço, alheia ao princípio de individuação, portanto, impossível de ser plural. “A Vontade mesma, ao contrário, encontra-se fora do domínio da lei de motivação”¹².

Schopenhauer não está se referindo à Vontade tal como um desejo que é comum a todo ser humano, mas sim de um princípio metafísico que está presente em todas as coisas do mundo. Essa Vontade como desejo por algo, segundo Schopenhauer, é apenas a aparência em um dado ponto do tempo e, por isso, está submetida ao princípio de individuação.

Aparência se chama representação, e nada mais: toda representação, não importa seu tipo, todo objeto e aparência. Por sua vez, coisa em si e apenas Vontade: como tal não é absolutamente representação, mas *toto genere* diferente dela: toda representação, todo objeto, é a aparência, a visibilidade, a objetividade da Vontade. (SCHOPENHAUER, 2015, p.128)

Os desejos são variados e a possibilidade de escolha entre os objetos

⁹ Este argumento é chamado de “argumento de analogia”. De forma resumida, Schopenhauer afirma que através da experiência interna do corpo, o sujeito consegue reconhecer a Vontade como essência de todas as coisas. O limite epistemológico de Kant permanece aqui sob o teto do princípio de razão que seria o limite do alcance do conhecimento racional científico, porém o reconhecimento da Vontade como a coisa-em-si através do argumento de analogia, conseguiríamos pensar metafisicamente e identificá-la como a essência de tudo.

¹⁰ Ibid., p.130-131.

¹¹ Ibid., p.138.

¹² Ibid., p.124.

nos dá uma falsa sensação de liberdade¹³. No entanto, quando alguém se pergunta “por que em geral quero isso e não aquilo, então resposta alguma é possível, justamente porque apenas a aparência da Vontade está submetida ao princípio de razão”¹⁴. Sabemos o que queremos, mas não sabemos por que queremos. As vontades são saciadas, mas a Vontade jamais é satisfeita. “A ausência de todo fim e limite pertence à essência da Vontade em si, que é um esforço sem fim”¹⁵. Assim se diferencia a vontade como apetite pelas representações e a Vontade como um ímpeto cego e irracional. “A Vontade sempre sabe o que quer aqui e agora, mas nunca o que quer em geral: todo ato isolado tem um fim; mas o querer em seu todo, não”¹⁶.

A Vontade varia somente em graus de objetivação dela mesma. Ela está, desde um simples mineral, até um ser complexo tal como o ser humano. O grau de objetividade da Vontade está relacionado a individualidade de cada representação da coisa-em-si. Segundo Schopenhauer, “quanto mais se desce no reino dos animais tanto mais qualquer vestígio de caráter individual se perde no caráter geral da espécie”¹⁷. Isso justifica a complexidade da espécie humana onde a Vontade atingiria seu grau máximo de objetividade.

Assim sendo, a Vontade é um constante estado de insatisfação que está presente em qualquer objeto sem qualquer finalidade específica. Esse princípio metafísico irracional está presente em todas as coisas do mundo. Além disso, a objetivação da Vontade nos fenômenos gera conflitos entre eles. A disputa travada por matéria, espaço e tempo se torna mais visível nos animais que travam batalhas sendo, ora presa ora predador¹⁸. Schopenhauer denomina de Vontade de vida¹⁹ este incessante impulso que cada ser vivo possui, sendo

¹³ Esta impossibilidade de liberdade está no âmbito do livre-arbítrio. Para Schopenhauer, ser capaz de deliberar não significa, necessariamente, uma liberdade de querer. A vontade individual se encontra determinada dentro da cadeia causal no tempo e no espaço. Porém, a liberdade transcendental que, diferentemente da liberdade no âmbito da empiria, ela é completamente possível. Esta liberdade está no sentimento de responsabilidade que temos por nossos atos, ou seja, sabemos que poderíamos agir de uma forma diferente da qual agimos. Esse sentimento terá implicações na moral da compaixão, pois através dessa capacidade de possuímos responsabilidade por nossos atos que podemos afirmar ou negar a Vontade.

¹⁴ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p.124

¹⁵ Ibid., p.190

¹⁶ Ibid., p.191

¹⁷ Ibid., p.153

¹⁸ Ibid., p.170-171

¹⁹ Para Schopenhauer, dizer “Vontade de Vida” é um pleonasma. Isso porque, segundo o filósofo, as representações afirmam a Vontade através da vida.

mais forte entre o gênero humano.

Segundo Schopenhauer, são estes conflitos que sustentam a vida, o ciclo vital da existência das espécies, pois o que movimenta e impulsiona o mundo natural não é uma harmonia generalizada e pacífica entre os incontáveis seres, mas um combate, uma guerra perpétua de vida e morte. Schopenhauer, por meio da *Metafísica da Vontade*, não intenciona somente em nos demonstrar que todos esses embates travados entre as espécies dizem respeito apenas à discordância essencial da Vontade em si, mas que essa luta universal nos revela também o caráter sofredor e angustiante da Vontade de vida no mundo. (NASCIMENTO, 2015, p.15)

O mundo como representação é o espelho da Vontade. Para Schopenhauer, assim como a sombra não se separa do corpo, a Vontade está em inúmeras representações como seu reflexo íntimo. “A ação do corpo nada mais é senão o ato da Vontade objetivado”²⁰. O funcionamento do mundo refém do fluxo incessante da Vontade é, fundamentalmente, a compreensão de nascimento da angústia e do sofrimento humano.

Eterno vir a ser, fluxo sem fim pertencem à manifestação da essência da Vontade. O mesmo também se mostra, por fim, nas aspirações e nos desejos humanos, cuja satisfação sempre nos acena como o alvo último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos e, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos e, propriamente dizendo, embora não se admita, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas; suficientemente feliz é quem ainda tem algo a desejar, pelo qual se empenha, pois assim o jogo da passagem contínua entre o desejo e a satisfação e entre esta e um novo desejo – cujo transcurso, quando é rápido, se chama felicidade, e quando é lento se chama sofrimento – é mantido, evitando-se aquela lassidão que se mostra como tédio terrível, paralisante, apatia cinza sem objeto definido, *languor* mortífero. (SCHOPENHAUER, 2015, p.190-191)

Ao tomar conhecimento da ausência de razão e da liberdade, o propósito da vida nada mais é do que servir de alimento para a fome sem fim da Vontade. Toda a noção ilusória de escolha que podemos ter, nada mais é fruto da afirmação da Vontade latente em cada coisa.

²⁰ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p.117

2. A ética da compaixão

2.1 A afirmação da Vontade e as motivações das ações humanas

Como explicitado anteriormente, os homens são marionetes nas mãos da Vontade. Este impulso cego tem a sua objetividade máxima em nossos corpos. Por isso Schopenhauer chama de afirmação da Vontade a satisfação ou afirmação das necessidades do corpo²¹.

Além da conservação do corpo e da procriação (modos de afirmação da vontade no seu grau mais débil), em seu cotidiano, o homem sempre está afirmando a sua vontade porque sente uma eterna carência dentro de si. Se está com fome, alimenta-se, mas logo mais estará com fome e terá que se alimentar novamente. Segundo Schopenhauer, essa falta que jamais será satisfeita é uma fonte inesgotável de sofrimento.

Através da conexão causal das coisas, a maioria das cobiças tem de permanecer impreenchível e a vontade é mais frequentemente contrariada que satisfeita; em consequência, querer intenso e veemente sempre traz consigo sofrimento intenso e veemente. Pois todo sofrimento nada é senão querer insatisfeito e contrariado. (SCHOPENHAUER, 2015, p.422)

Por conta dessa busca interminável em satisfazer-se, o homem acaba travando um conflito contínuo entre seus pares e entre outros seres porque a motivação principal das ações de todos os animais é o egoísmo. Naturalmente, todos somos egoístas por simplesmente buscarmos, em seus atos, o próprio prazer. Para ele, as ações humanas só podem ter três tipos de motivações fundamentais: por egoísmo, maldade ou por compaixão. As ações com motivações antimorais, ou seja, as ações motivadas pelo egoísmo ou pela

²¹ Ibid., p.379

maldade são definidas, uma por ser interessada e ter a finalidade o bem-estar próprio, e a outra por ser desinteressada e ter a finalidade o mal-estar alheio. Portanto, a moralidade só pode vir motivada pela compaixão que é uma ação desinteressada em que a finalidade é somente o bem-estar alheio.

Como explica Staudt (2007), o egoísmo é a motivação principal e fundamental, tanto no homem como no animal, e se caracteriza pelo ímpeto incondicionado da sua própria existência e pela busca do bem-estar próprio.

É o egoísmo que rege, naturalmente, todas as ações dos homens durante a vida. Nos colocamos no centro do mundo e todos os outros se tornam meros objetos. A única finalidade deles é de proporcionar prazer a nós mesmos. Afinal, a ação egoísta é interessada e tem como objetivo o máximo de gozo possível.

A maldade é a alegria diabólica. A primeira raiz mais animal, a segunda mais diabólica²². A origem estaria atrelada à própria vontade de vida que, cada vez mais amargurada com o constante sofrimento, faz com que desperte uma espécie de alívio ao causar sofrimento nos outros. Esse caminho levaria ao maldoso a se tornar cruel. Na crueldade, o agente tem o seu ato desinteressado, ou seja, não age sendo a si mesmo como finalidade. A preocupação e objetivo nos atos cruéis é somente em causar sofrimento ao outro, ainda que isto cause algum tipo de mal ao agente. O fato de causar o mal alheio é o seu prazer. Diferentemente da ação egoísta. Ela pode causar sofrimento ao outro, mas somente porque ele serviu como meio para alcançar o prazer do agente egoísta. Na crueldade, o fim da ação é somente o sofrimento alheio.

Desse tormento interior que lhes é inteiramente imediato e essencial procede, por fim, até mesmo a alegria no sofrimento alheio, que não nasce do mero egoísmo, mas é desinteressada, e que é propriamente a maldade, a qual aumenta até a crueldade. Na crueldade, o sofrimento alheio não é mais meio para atingir os fins da própria vontade, mas fim em si mesmo. (SCHOPENHAUER, 2015, p.422)

Se a natureza humana é egoísta e as ações deste cunho não possuem valor moral, então é preciso que esta natureza seja negada para que haja moralidade nas atitudes. Para alcançar o valor moral em suas ações, o agente

²² SCHOPENHAUER, FM, 2001, p. 127.

deve negar a vontade que anseia em ser afirmada através dos nossos corpos. Aqui não cabe uma ética tal como a kantiana cujos valores morais são fundados a priori no intelecto humano através do dever a uma lei moral, mas sim a posteriori através da experiência. É durante a experiência, após ser atingido pelo sentimento da compaixão, que o homem pode agir moralmente.

2.2 O sentimento da compaixão como único critério das ações com valor moral

Para Schopenhauer, toda ação tem um motivo e, geralmente, o fim de toda ação é o bem-estar do agente. Como foi dito anteriormente, naturalmente somos egoístas e isso faz com que sejamos movidos a agir em função do nosso próprio bem-estar. Na análise dos valores morais das ações sempre haverá uma relação entre quem age e quem sofre a ação. Agindo de forma egoísta, usamos os outros como meio; agindo de forma maldosa, os outros são o fim das ações. De todo modo o outro sofre diretamente e de maneira passiva diante da ação do agente.

Neste momento é que abre a possibilidade do agir motivado por um genuíno valor moral. A partir do sofrimento do outro e do sentimento de compaixão, somos movidos a agir moralmente de forma que reconhecemos e sentimos aquele sofrimento como se fosse nosso.

O processo aqui analisado não é sonhado ou apanhado no ar, mas algo bem real e de nenhum modo raro: é o fenômeno diário da compaixão, quer dizer, a participação totalmente imediata, independente de qualquer outra consideração, no sofrimento de um outro, e, portanto, no impedimento ou supressão deste sofrimento, como sendo aquilo em que consiste todo o contentamento e todo o bem-estar e felicidade. Esta compaixão sozinha é a base efetiva de toda justiça livre e de toda a caridade genuína. (SCHOPENHAUER, 2001, p 136).

Este, segundo Schopenhauer, é o grande mistério da ética. Através do sentimento da compaixão há uma supressão momentânea da diferença entre o eu e o outro. “Não há mais diferença egoística entre “eu” e o “outro”, ocorre a

identificação, os sofrimentos alheios são apreendidos como se fossem os seus”²³. Nela há uma sincera participação pelo bem-estar alheio e “nos sacrifícios desinteressados”²⁴.

O ato motivado pela compaixão não é racional. Esse sentimento é independente de uma racionalização como as éticas, por exemplo, epicurista ou kantiana. Toda ação racional segue o princípio de individuação, ou seja, segue os preceitos naturais egoísticos, são antimorais. “Egoísmo e valor moral simplesmente excluem-se um ao outro. Se uma ação tiver um fim egoísta como um motivo, então ela não pode ter nenhum valor moral”.²⁵

Quando o sujeito é atingido pela compaixão, o véu de Maya é desvelado e, assim, consegue ver através da ilusão. Isso significa que ele “reconhece a si mesmo, à sua vontade de cada ser, conseqüentemente também em quem sofre”²⁶. Nisto, portanto, surge a negação da vontade.

A negação da vontade procede do conhecimento, mas de um conhecimento que não é algo que a razão produz, mas que se contrapõe a ela. Por isso não é produzida pela mediação mágica de conceitos. O conceito é de pouca valia para a ética, pois não é a reflexão teórica que leva ao agir moral e nem os princípios morais tornam o homem melhor. A via cognoscitiva para a negação da vontade não é intencional, deliberada, nem é um ato de força. Emanada da relação íntima do conhecimento com a vontade no homem. (STAUDT, 2007)

Após tomar conhecimento da essência do mundo, isto é, transpassar o princípio de individuação e derrubar os muros que separavam o “eu” do “outro”, é possível, enfim, adquirir o que Schopenhauer denomina de virtude e nobreza de caráter, também de negação da Vontade. O sentimento da compaixão é, portanto, uma negação da Vontade que, através dela, também se alcança a justiça e a caridade.

2.3 O ascetismo como concretude da negação da Vontade

Como já dito, é apenas através da compaixão que podemos agir

²³ DACOL, A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer, 2014, p. 54.

²⁴ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p. 436.

²⁵ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p. 133.

²⁶ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p. 433.

moralmente. Esse sentimento é negação da vontade que suprime momentaneamente a barreira entre o “eu” e o “outro”, um reconhecimento de si no “outro” e, portanto, o sofrimento é compartilhado. Porém, isso se dá num grau menos elevado. Após o compadecimento, quem outrora sofria por um mal específico, agora não mais sofre. Diante disso, aquele quem se compadecia, não mais está diante de alguém que sofre, e por isso o sentimento de compaixão dá lugar à indiferença.

O feliz e satisfeito como tal nos deixa indiferentes, justo porque seu estado é negativo: a ausência da dor, da falta e da necessidade. Podemos, por certo, contentarmo-nos com a felicidade, o bem-estar e o prazer de um outro, mas isto é secundário e mediado pelo fato de que, antes, seu sofrer e sua carência nos perturbam. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 139)

Tão logo voltamos a agir com egoísmo, com inveja, fazemos com que o outro sofra. Esse círculo vicioso só terá fim naquele que alcança um grau de entendimento elevado e nota a essência trágica da vida, um mundo condenado sem saída em que todos os nossos esforços são completamente inúteis. Um eterno conflito, um sofrimento incessante. Esse sujeito olha e sente um profundo sofrimento por todos: a humanidade, o mundo animal em um todo, todos lutando e caminhando para um fim inevitável. Isto posto, após sentir e solidarizar-se com todo sofrimento da vida, este sujeito transpassa o princípio de individuação. Ele vira contra a sua própria essência e a nega. Este é o asceta.

Se aquele véu de maya, o *principium individuationis*, é de tal maneira removido dos olhos de um ser humano que este não faz mais diferença egoística entre a sua pessoa e a de outrem, no entanto compartilha em tal intensidade dos sofrimentos alheios como se fossem os seus próprios e assim é não apenas benevolente no mais elevado grau, mas está até mesmo pronto a sacrificar o próprio indivíduo tão logo muitos outros precisem ser salvos; então, daí, segue-se automaticamente que esse ser humano reconhece em todos os seres o próprio íntimo, o seu verdadeiro si mesmo e desse modo tem de considerar também os sofrimentos infintos de todos os viventes como se fossem seus: assim, toma para si as dores de todo o mundo; nenhum sofrimento é-lhe estranho. (SCHOPENHAUER, 2015, p.439)

Essa é, segundo Schopenhauer, a essência da justiça, do amor e de toda

nobreza de caráter. O asceta aceita o sofrimento e renuncia aos prazeres do corpo, pois é através do corpo que a vontade se afirma. O processo de ascetismo é sintetizado por Schopenhauer através de quatro etapas:

Voluntária e completa castidade –. Esta é a primeira etapa. Como já explicitado aqui, a procriação é uma forma genuína da afirmação da vontade. Através da castidade, a vontade é suprimida de onde a vida do corpo é manifestada. Segundo ele, caso a castidade se tornasse uma máxima adotada por todos, não só o gênero humano se extinguiria, mas também todo o mundo animal. “Do mesmo modo que a penumbra também desaparece ao desaparecer a plena luz do dia”²⁷. Isso significaria também toda supressão do conhecimento porque sem sujeitos, não haveria objetos.

Pobreza voluntária e intencional –. Schopenhauer afirma que “a propriedade é doada para aliviar o sofrimento alheio”²⁸. Assim, durante o processo da ascese, após o conhecimento da essência do mundo, todos os subterfúgios da afirmação da vontade são negados. A pobreza mortifica a Vontade e freia intencionalmente o surgimento de novos desejos.

Aceitação do sofrimento com a paciência inesgotável –. Recusar-se a exercer os desejos do corpo, isto é, afirmar a Vontade, demanda uma resistência sem precedentes. É ir de contra a nossa natureza, é nadar contra a correnteza de um rio. Como forma de mortificar cada vez mais à Vontade, os ascetas se autoflagelam, praticam o jejum, a castidade e a autopunição.

Aceitação da morte através da mortificação do corpo (inanição) –. Se através do jejum e das outras formas expostas aqui de mortificar o

²⁷ Ibid., p.441

²⁸ Ibid., p.443

corpo, ou seja, a vontade, resultar a própria morte, ela será muito bem-vinda. Esta morte virá como uma tão esperada redenção.

A negação da vontade não se alcança por outro modo senão através de conquistas renovadas frequentemente. “Este processo é misterioso, pois é algo de que a razão não pode dar conta diretamente”²⁹.

Isso vai tão longe que todo ser humano que suporta um grande sofrimento corporal ou mental, sim, até mesmo quem esgota com suor na testa todas as suas forças num trabalho corporal, porém o exerce com paciências e sem queixumes, aparecemos, quando o consideramos com a atenção mais concentrada, algo assim como um doente submetido a uma cura dolorosa e que suporta voluntariamente e até com satisfação as dores que lhe são causadas, pois sabe que, quanto mais sofre, tanto mais a substância maligna é destruída e, dessa forma, a dor presente é a medida de sua cura. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 460).

Essa morte aceita alegremente e buscada pelo ascetismo se difere, a princípio, do suicídio por ser tratar de uma afirmação do próprio querer viver, isto é, da vontade e não uma negação como ocorre com o asceta. Sobre isto, discutiremos mais adiante.

3. A indestrutibilidade da nossa essência pela Morte

3.1 A naturalidade e o medo da morte

A morte é chamada por Schopenhauer como “musa da filosofia” e que dificilmente se teria filosofado sem ela³⁰. Para ele, a morte é a maior de todas as angústias e o medo da morte seria anterior ao próprio conhecimento da morte, ou seja, a priori. A manutenção da vida é essencialmente afirmação da Vontade.

²⁹ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p. 163.

³⁰ SCHOPENHAUER, MM, 2000, p.59.

O nascimento e a morte são absolutamente naturais e necessários para o equilíbrio da vida. A procriação e a morte, portanto, coexistem harmonicamente sem se anularem no mundo. O mundo é o espelho da objetividade do querer da Vontade.

O que a vontade sempre quer é a vida, justamente porque a vida nada é senão a exposição daquele querer para a representação, é indiferente e tão somente um pleonasmo se, em vez de simplesmente dizermos “a Vontade”, dizemos “a Vontade de vida” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 318).

Salviano (2012) afirma que na procriação, a Vontade cega, por mil ardis, consegue manter-se através das individualidades que são sua objetivação; e no caso da morte, ela permanece inatacável, percebendo apenas estas suas objetividades fenomênicas.

O temor pela morte não é algo próprio do homem. Os animais em geral buscam prolongar a sua vida ao máximo. O instinto de autopreservação é a pura afirmação da vontade e a priori. Por isso que, diante de uma ameaça, o animal instintivamente, foge. Seu corpo fornece adrenalina para que aumente a sua capacidade de fuga, por tanto, para sobreviver. É um apego irracional à vida, pois todo o nosso ser é, em si mesmo, Vontade de vida³¹. Porém, o sofrimento da angústia com relação à morte é próprio do homem. O animal só tem conhecimento da morte no instante em que está diante dela, porém nos seres humanos o sofrimento é amplificado devido à razão. O homem se aproxima da morte conscientemente todas as vezes que pensa nela.

O homem possui, na consciência, conceitos abstratos que o fazem pensar na morte mesmo não estando diante dela. Pensa, equivocadamente, que a morte significa o completo aniquilamento do seu ser. Assim, o medo da morte é pensado constantemente durante a vida no ser humano e causa um sofrimento espiritual intenso. Segundo Schopenhauer, esse sofrimento é tão intenso que causamos sofrimentos físicos somente para desviar a nossa atenção.

É por isso que nas maiores dores espirituais a pessoa arranca os cabelos, golpeia-se no peito, arranha o rosto, atira-se ao chão: tudo sendo propriamente apenas meios violentos de distração em face de

³¹ Ibid., p.64

fim pensamento de fato insuportável (SCHOPENHAUER, 2015 p. 346).

Nesse momento, o suicídio é apresentado como recurso que facilmente é alvo de escolha em um momento de desespero, ainda que estando confortável o agente tremeria com tal pensamento. Diante disso, Schopenhauer crê que, de maneira alguma, o nosso medo está fundado na morte, mas sim na dor.³²

3.2 A superação do medo da morte através do conhecimento da nossa essência

O temor pela morte não faz sentido por ser algo natural e necessário. O ser humano é uma mero instante espacial e temporal se for comparado ao infinito espaço, tempo da natureza. O nascimento ou o perecimento do indivíduo de nada afeta a Vontade. A falsa crença no aniquilamento da nossa essência na morte faz com que os indivíduos temam o inevitável. A morte é o desaparecimento da representação, mas nunca da coisa em si mesma.

Segundo Schopenhauer, é tão absurdo desejar a perduração da nossa individualidade, que é substituída por outros indivíduos, quanto desejar a conservação da matéria do próprio corpo, que é continuamente renovada com nova matéria. Para ele, seria como se desejássemos guardar cuidadosamente todos os nossos excrementos. Do ponto de vista subjetivo, portanto, o temor pela morte só existe quando se tem consciência dela. Seria um simples adormecer ou um desmaio.

Como dito antes, os indivíduos são representações finitas dentro do tempo e espaço infinito da Vontade. Uma eternidade se passou antes do nascimento dos seres humanos, mas nem por isso eles se angustiam por isso. Por que então sofreriam com a eternidade que virá após a morte?

O que compreendemos por morte é a nossa morte, a dos indivíduos que somos. Mas os indivíduos são apenas aparências fugidas, provindas da objetivação eterna da vontade. Só eles nascem e morrem, e não o querer-viver que se exprime neles. Nascimento e

³² SCHOPENHAUER, MVR I, p.327

morte são, pois, dois acidentes eternos que pertencem, a mesmo título, à vida eterna da vontade, os pólos do fenômeno da vida, tomado em seu conjunto. (BARBOZA, 2000)

As religiões indianas (o budismo e o hinduísmo, por exemplo, que serviram como um dos pontos de partida para o pensamento schopenhaueriano) acreditam num eterno ciclo incessante de morte e renascimento. Schopenhauer diz que, assim, “veria com indiferença a morte voando em sua direção nas asas do tempo, considerando-a como uma falsa ilusão, um fantasma impotente, amedrontador para os fracos”³³. Deve-se aceitar que a vida é sofrimento e não há nada de mal na morte. Muito pelo contrário, a morte viria como um despertar de um pesadelo, um alívio. A superação e a reconciliação com a morte viriam, para Schopenhauer, através do conhecimento filosófico da essência do mundo e a aceitação do sofrimento como essencial e inevitável à vida.³⁴

Para Mainländer, a superação do medo e desprezo da morte advém de uma genuína confiança em Deus:

Quem superou o medo da morte, ele apenas ele sozinho, pode produzir a mais preciosa e mais rica flor em fragrância na sua alma: incontestabilidade, imobilidade, confiança incondicional; pois o que no mundo ainda poderia preocupar de algum modo tal homem? Necessidade? Ele não teme passar fome. Inimigos? Eles poderiam no máximo mata-lo e a morte não lhe produz mais nenhum pavor. Dor física? Caso essa se torne insuportável, então ele joga fora o “estrangeiro na Terra” em um minuto, juntamente com seu corpo. (MAINLANDER, apud PUENTE, 2008, p.160-161)”

Apesar da fé radical em Deus ser uma saída para o medo da morte, seria com o suicídio que o homem alcançaria a sua redenção. Escolha que foi seguida literalmente por ele ao se enforcar em uma viga do teto assim que recebeu o primeiro exemplar de sua obra na noite do dia 31 de março para o dia 1 de abril de 1876.

Com a aceitação da morte como algo inevitável e natural a todo ser vivo, segundo Schopenhauer, ela seria sentida como um desmaio³⁵. Sobretudo na velhice quando o perecimento do corpo segue junto ao perecimento da vontade. A libido vai diminuindo drasticamente juntamente com a avidez por

³³ Ibid., p.328.

³⁴ Ibid., p.328.

³⁵ SCHOPENHAUER, MM, 2000, p.69

outros tipos de prazeres, pouco a pouco, até o ponto de extinguir-se completamente. Esta seria a boa morte.

4. O suicídio

4.1 O suicídio como problema filosófico

Por que as pessoas se matam? É um fato que não tem como ser negado, ainda que negligenciado, de que as pessoas têm tirado voluntariamente suas próprias vidas. Não estamos falando de um fenômeno que surgiu recentemente, mas sim que tem acompanhado a história da humanidade. Personagens tais como Vargas, Cleópatra, Sansão, Virgínia Wolf, Ernest Hemingway escolheram antecipar suas mortes, cada um ao seu modo e por motivos distintos.

Ao tratar do suicídio, estamos abordando problemas recorrentes na história da filosofia como liberdade, virtude e razão. Lidamos com uma questão muito além de razões patológicas ou que diz respeito simplesmente ao corpo. Tratar deste fenômeno é questionar o valor da vida. Para Camus (2017), muitas pessoas escolhem o suicídio por considerarem que a vida não vale a pena ser vivida. “Começar a pensar é começar a ser atormentado”³⁶. Dentro da filosofia camusiana, o suicídio está inteiramente ligado a questão do nascimento do absurdo. O homem, que deseja racionalizar tudo em busca de tranquilidade e conhecimento, ao perceber que o mundo é irracional, perde a sua tranquilidade e o controle da vida, pois percebe que não se passa de uma mera ilusão.

O homem se encontra diante do irracional. Sente em si o desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz (CAMUS, 2017, p. 39)

³⁶ CAMUS, O mito de Sísifo, 2017, p.20

Sobre isto, Schopenhauer concordaria com Camus. A vida irracional do qual o francês se refere seria, em certo ponto, a Vontade metafísica schopenhaueriana. Como já foi dito antes, a Vontade se realiza nos corpos no querer insaciável dos corpos pelos impulsos sexuais ou pela manutenção da vida. É justamente nesse querer viver, pois toda Vontade é Vontade de vida, é que surge aquele que se suicida.

4.2 O querer viver no ato do suicídio

Segundo Schopenhauer, “justamente porque a dor espiritual, como a mais agudas de todas, torna alguém insensível a dor física, o suicídio é bastante fácil para quem se encontra desesperado”³⁷. O suicídio é encarado como uma alternativa de fuga viável quando o espírito passa por tamanha aflição. Por estar num momento nebuloso, é possível que essa opção surja ainda que, se não fosse por causa dessa aflição, se assuste com tal pensamento. No entanto, ainda assim não serviria de nada abraçar a morte voluntária. Como exposto anteriormente, a nossa morte atinge apenas o campo das representações e jamais a Vontade, a coisa em si. “A Terra passa do dia à noite; o indivíduo morre: mas o Sol brilha sem interrupção, eterno meio-dia”³⁸. Além disso, o suicídio é um “fenômeno que vigorosamente a afirma”³⁹. É um ato de afirmação da Vontade de vida.

Parece paradoxal afirmar seu desejo de viver, sua vontade, negando sua vida; mal se vê como isso poderia parecer uma solução, não fosse aos olhos de um insensato. Seria possível pensar que, para afirmar sua vontade, mesmo a vida mais medíocre seria um meio melhor do que a morte. É que o suicidófilo tem uma outra ideia da morte, que não é a de um nada total. (BÉZIAU, 1997, P.128)

Na filosofia schopenhaueriana, o suicida tira a sua própria vida justamente porque não pode deixar de querer. Ele queria viver, mas não qualquer vida. Os obstáculos que surgem durante a sua vida o impedem de alcançar o seu objeto desejado, por isso que num ato de intensa afirmação da

³⁷ SCHOPENHAUER, MVR I, 2015, p.346.

³⁸ Ibid., p.325.

³⁹ Ibid., p.426.

Vontade, ele tira a sua própria vida.

Contrariamente, a pessoa que está oprimida pelo peso da vida e ainda assim a deseja e afirma, porém sem aceitar os tormentos dela, em especial sem poder suportar por muito tempo a dura sorte que lhe coube, não pode esperar da morte a libertação, nem pode salvar a si mesma pelo suicídio; é apenas seduzida com ilusões falsas pelo frio e tenebroso Orco, que se apresenta como um porto de paz (SCHOPENHAUER, 2015, p.324-325).

A Vontade de vida surge na morte autoimposta, o prazer da procriação e da conservação do corpo são, respectivamente, simbolizadas pela tríade dos deuses hinduístas Shiva (destruição), Brahma (criação) e Vishnu (conservação). Ou seja, assim como a procriação e o instinto de conservação são afirmações primárias da Vontade, o suicídio também estaria no mesmo grau de afirmação. Visto que a vida é essencialmente sofrimento, as saídas de gozar ao máximo os seus desejos em um menor intervalo de tempo possível ou de tirar a sua própria vida diante dos obstáculos que lhe impedem de alcançar o seu desejo são ações tolas e inúteis. Apesar de ser contrário ao ato suicida e usar palavras que soam como um desprezo de sua parte, o filósofo mostra sensibilidade a quem faz essa escolha. Ele afirma que o suicídio “suscitará tristeza e compaixão”⁴⁰.

Em seu ensaio *Sobre o Suicídio*, Schopenhauer nega a ideia de que o suicídio seria um crime ou que se configurasse como um ato injusto. Considerar um suicida sendo um criminoso, diz ele, cai “no ridículo: pois qual pena pode intimidar aquele que busca a morte?”⁴¹. Agora, sobre uma possível injustiça da morte voluntária, o filósofo julga ser uma ideia típica das religiões monoteístas, especialmente o cristianismo que, traz no seu interior, a ideia de que suportar o sofrimento, isto é, a “cruz”, é a prova e meta de vida de todo cristão. Estas considerações, para Schopenhauer, “são fracas, sofismas fáceis de refutar”⁴². E diz ainda que a única razão moral justa contra o suicídio havia sido apresentada por ele em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*. Para Baquedano, “por mais pessimista que pareça a cosmovisão schopenhaueriana, ela jamais busca o cessar imediato, violento e autodestrutivo da vida, pelo contrário, um caminho lento de lutas internas, onde

⁴⁰ SCHOPENHAUER, apud PUENTE, 2008, p.165.

⁴¹ Ibid., p.150.

⁴² Ibid., p.152

se busca negar o querer que produz o fenômeno do sofrimento da vida.”⁴³

Mainländer, seu discípulo, afirma que cada coisa no universo caminha para a morte. A Vontade para ele é Vontade de morte, não de vida. Segundo ele, “Esta vontade de morte está sobre todo o ser humano, encoberto pela vontade de viver. Pois a vida é um meio para a morte”⁴⁴. Além disso, Mainländer é um dos precursores da individualização da Vontade. Esta vontade não é mais uma essência única, não é a coisa em si. Como afirma Baquedano, “A diferença da vontade de viver schopenhaueriana, esta cosmovisão não concebe a coisa em si kantiana como uma única vontade universal que está além do tempo, mas que compreende tudo o que está por de trás dos fenômenos como vontades de morrer individuais”⁴⁵.

O flerte com o suicídio é constante no pensamento do schopenhaueriano. “O que resulta da minha metafísica? Justamente uma base científica, isto é, um saber (não um credo), sobre o qual pode levantar a mais inabalável confiança em Deus. O absoluto desprezo pela morte, incluindo o amor pela morte”⁴⁶. Então escolher morrer, em Mainländer, é visto como uma solução para aqueles que já não suportam o sofrimento.

Meus irmãos, partam sem tremer desta vida, caso o fardo seja muito pesado sobre vocês. Não encontrarão nenhum reino celestial e nenhum inferno em seus túmulos. (MAINLÄNDER, 2011, p.130).

Conselho este que foi levado de modo literal pelo próprio quando retirou a própria vida. Sendo um dos poucos casos em que o filósofo é coerente na prática com aquilo que ele mesmo teoriza.

4.3 A inanição como suicídio que nega a Vontade

A escolha pela morte através do suicídio já foi apresentada, no pensamento schopenhaueriano, como uma escolha tola e inútil. Ele insiste que

⁴³ BAQUEDANO, Voluntad de vivir o Voluntad de morir? El suicídio em Schopenhauer y Mänlander, 2007, p.124, todas as traduções desse artigo são nossas.

⁴⁴ MAINLÄNDER, FR, 2011, p.128, todas as traduções desta obra são nossas.

⁴⁵ BAQUEDANO, ¿Voluntad de vivir o Voluntad de morir? El suicídio em Schopenhauer y Mänlander, 2007, p.30.

⁴⁶ MAINLÄNDER, FR, 2011, p.127.

sobre a Vontade, “violência alguma pode quebrá-la, mas tão somente destruir a sua aparência, neste lugar, neste tempo”⁴⁷. Para que a Vontade possa ser negada, é necessário mortificar o corpo e através da abstinência, jejum e o autoflagelo, não através do suicídio. Sobre como então seria possível atingi-la foi respondida no fenômeno da ascese.

Trata-se da morte livremente escolhida por inanição, resultado do mais elevado grau de ascese(...). Tal tipo de suicídio provém simplesmente de o asceta, já por inteiro resignado, cessar de viver, simplesmente porque cessou por inteiro de querer. (SCHOPENAUER, 2015, p.464)

A solução e a argumentação de Schopenhauer é puramente metafísica. Se o suicídio não afeta no funcionamento da Vontade, é insensato e inútil.

5. A possibilidade do valor moral no suicídio através do autossacrifício

5.1 O autossacrifício

Durante a história, tomamos conhecimento de culturas que praticavam o sacrifício de vidas humanas em rituais religiosos ou como forma de punição a delitos praticados. Em outros casos, temos registros de personagens que deram a sua vida por um povo, por uma convicção ou por um alguém e foram marcados como heróis. Esses registros são, comumente, atribuídos o nome de autossacrifício. Este sacrifício específico por ser voluntario, um indivíduo possui sempre um único fim: a posteridade. O futuro de um povo, de uma família ou de um único sujeito. Sempre a salvação do outro em troca da vida do agente.

Entendemos que o autossacrifício é um suicídio pelo simples fato de ser uma ação deliberada de um indivíduo que tira a sua vida por conta própria ou se coloca em uma situação em que, conscientemente, perderá a sua vida. O

⁴⁷ SCHOPENAUER, MVR, I, p.464.

fato é: ele escolhe morrer por um motivo. Isso por si só já se define como suicídio. A questão principal a ser debatida aqui são os motivos que estão por de trás dessa escolha radical e se o motivo deste suicídio é diferente ou igual ao quais são apresentados de forma clara na filosofia schopenhaueriana. O autossacrifício é uma afirmação ou uma negação da Vontade?

5.2 A admiração e o bem alheio no autossacrifício

Como já visto, Schopenhauer considera o suicídio um ato da afirmação da Vontade. Para ele, o suicida em momento algum renuncia à Vontade de viver. A destruição da aparência individual afeta somente o viver. Um ato inútil por não mudar em nada a regimento do mundo metafísico.

Precisamente porque o suicida não pode cessar de querer, cessa de viver, e a vontade afirma-se aqui justamente pela supressão de sua aparência, pois não pode mais afirmar-se de outro modo. (SCHOPENHAUER, 2015, p.463)

Além disso, o suicídio é tido como um ato imoral. Todo ato da afirmação da Vontade possui uma motivação egoísta. A escolha deliberada pela morte em virtude da impossibilidade de ter a vida tal como é desejada, por causa dos obstáculos que surgem durante o viver, é um ato insensato. O fundamento de toda moral na filosofia schopenhaueriana está na experiência “que, a cada dia e a cada hora, testemunha a favor dele”⁴⁸. É o sentimento da compaixão que norteia toda ação moral. Todo alguém que, ao estar diante do sofrimento alheio, sente como se fosse o seu e se move a fim de diminuir a dor do outro, segundo Schopenhauer, age moralmente.

Esta compaixão sozinha é a base efetiva de toda a justiça livre e de toda a caridade genuína. Somente quando uma ação dela surgiu é que tem valor moral, e toda ação que se produz por quaisquer outros motivos não têm nenhum. Assim que esta compaixão se faça sentir, o bem e o mal do outro me atingem diretamente do mesmo modo, embora nem sempre no mesmo grau que os meus. Portanto, agora, a diferença entre mim e o outro não é mais absoluta” (SCHOPENHAUER, 2001, p.136)

O suicídio é tratado como uma atitude imoral pelo filósofo por haver uma

⁴⁸ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p.120.

motivação egoísta. O sofrimento já foi dito que é inerente a vida, logo não se justificaria se matar por isso. Schopenhauer tratou do suicídio na hipótese do desespero diante da angústia dos obstáculos que surgem diante dele e do seu objeto desejado. Porém, e se o suicídio tivesse uma motivação no outro e não nos problemas do próprio agente? E se a escolha pela morte significasse o bem-estar do outro?

Chamamos comumente esse tipo de suicídio (mesmo que algumas vezes não considerado se tratar de ser um) de autossacrifício. A escolha extrema de matar-se para salvar a vida de uma ou várias outras vidas sempre foi vista como honrosa, heroica. Ainda que não tenha sido claro quanto a esta possibilidade, podemos estipular como seria a interpretação de Schopenhauer através dos seus conceitos morais em sua ética da compaixão.

Esse tipo de suicídio não é encontrado em homens que ainda não transpassaram o princípio de individuação. São homens movidos por um profundo e raro amor que, cientes das consequências e das circunstâncias, optam em entregar suas vidas em prol de diminuir ou evitar o sofrimento alheio. Ao perceberem que a sua vida pode salvar a vida de uma ou de outras pessoas, a entregam orgulhosamente de tal modo como se tivesse vivido somente para realizar tal ato. Esse honroso ser humano escolheu negar a manutenção da sua vida para que o mal-estar alheio cessasse com o seu sacrifício.

Schopenhauer atribui apenas três motivações fundamentais das ações humanas: egoísmo, maldade e compaixão. Sendo a compaixão o único “que quer o bem-estar alheio que chega até a nobreza moral e a generosidade”⁴⁹. Um pai que vê a iminência da morte do seu filho caso não receba um transplante de coração, tira a sua própria vida para que o seu coração seja doado e salve seu filho da morte. Apesar de ser trágico e triste o desfecho da história, este pai será visto como um verdadeiro herói. Seu sacrifício é uma prova de um amor puro e completamente desinteressado. E aqui se encaixa a outro critério adotado por Schopenhauer para uma ação de valor moral. Além do sentimento de compaixão e da ausência de motivação egoísta, ou seja, desinteressada, um ato como este produz uma emoção de contentamento

⁴⁹ Ibid., p.137.

chamada por ele de aplauso da consciência. Não só por parte de quem se sacrifica, mas também do público externo.

“Acrescente-se, como uma característica bem íntima e não tão evidente das ações dotadas de valor moral, o fato de que elas deixam ficar um certo contentamento com nós mesmos que é chamado de aplauso da consciência (...). Além disso, como marca externa e acidental, tem-se a de que as ações do primeiro tipo ocasionam o aplauso e o respeito das testemunhas que não participam delas, e as do segundo tipo, o contrário” (SCHOPENHAUER, 2001, p.131).

Não devemos associar uma irracionalidade ao sujeito que abraça a morte de forma voluntária. Apesar de normalmente imaginarmos que a escolha do indivíduo por sua própria morte está ligada a um momento de desespero, isto é, um momento irracional, não devemos esquecer nos casos em que a escolha é ponderada, ou seja, o indivíduo reflete os prós e os contras de prolongar a vida e chega à conclusão de que é melhor morrer como nos casos dos suicídios assistidos. Nestes dois casos, apesar de diferirem pela presença e ausência de “racionalidade”, a motivação da ação está no bem-estar próprio. Toda ação que “a única motivação é o próprio bem-estar e mal-estar do agente e, assim, que a ação é egoísta e, conseqüentemente, sem valor moral.”⁵⁰. São meras afirmações da Vontade. No entanto, o que estamos trazendo aqui é desapego total à vida em função do outro. O foco, a motivação da ação está no outro. É uma ação desinteressada.

Ao tirar a sua própria vida, o agente poderá amenizar a dor alheia. Não sanar o sofrimento de modo definitivo, visto que viver é necessariamente sofrer, mas aliviar o sofrimento através do seu autossacrifício motivado pelo sentimento da compaixão.

5.3 O amor no autossacrifício e nos mártires

O mártir é aquele que morre por uma ideia ou uma causa. Na filosofia schopenhaueriana esse sujeito é citado em sua obra magna em dois casos: aquele que morre para defender sua comunidade ou pátria e no caso de morrer “na defesa daquilo que guia e pertence de maneira íntegra ao bem da

⁵⁰ Ibid., p.134.

humanidade inteira”⁵¹. Aqui não se trata do asceta, pois o fenômeno da ascese é um processo que envolve a mortificação da Vontade através da castidade e da pobreza voluntária.

Conseqüentemente, também vemos os que uma vez atingiram a negação da Vontade de vida manterem-se com todo empenho neste caminho através de todo tipo de renúncias autoimpostas, mediante um modo de vida duro, penitente e pela procura do desagradável: tudo tendo em vista suprimir a Vontade que renovadamente se esforça. (SCHOPENHAUER, 2015, p.454)

Aquele que comete o autossacrifício não passa por um processo de negação da Vontade tal como o asceta. Apesar de mostrarmos aqui que ambos são motivados pelo bem-estar alheio num ato caridoso, no autossacrifício o seu suicídio é imediato e não processual.

Schopenhauer atribui alguns exemplos para ilustrar, através das suas histórias desses, de que não está falando nada fantasioso. Estão, entre esses exemplos, especificamente dois deles os quais gostaríamos de enfatizar.

Todavia, pode ocorrer de grande maioria de indivíduos estranhos estarem ameaçados em sua vida, em seu bem-estar, e essa consideração sobrepõe-se à do próprio bem-estar; em tal caso, o caráter que alcançou a bondade suprema e a nobreza de caráter perfeita sacrifica inteiramente seu bem-estar e sua vida em favor do bem-estar de muitos outros: dessa forma morreram Codro, Leônidas, Régulo, Décio Mus, Arnold von Winkelried e todos aqueles que voluntária e conscientemente vão de encontro à morte certa em nome da sua comunidade, da sua pátria. (SCHOPENHAUER, 2015, p.435)

Codro, citado por Schopenhauer, foi um rei de Atenas. Durante o seu reinado, os peloponésios atacaram a cidade grega certos da vitória após o oráculo de Delfos profetizar a vitória deles caso o rei Codro fosse poupado. Ao tomar conhecimento da profecia através Cleomântis, uma habitante de Delfos, Codro resolveu se sacrificar em nome do seu povo. Disfarçou-se de mendigo e saiu em busca dos soldados inimigos pelos arredores da cidade. Ao encontrar dois soldados, ainda disfarçado, começou uma série de provocações contra os homens até que foi morto pelas mãos de um dos soldados. Quando os peloponésios descobriram que aquele mendigo era o rei disfarçado, fugiram da guerra por temerem a profecia que previa a vitória deles somente se o rei fosse

⁵¹ SCHOPENHAUER, MVR, I, 2015, p. 435.

poupado.⁵²

Esse exemplo é do mártir que alcançou tal status através do suicídio, ou seja, do autossacrifício para salvar a vida de seus patriotas. Seja dando a sua vida por um ou por milhares; por pessoas próximas ou não, o que certamente motivou Codro a entregar voluntariamente a sua vida, foi um profundo sentimento de amor, de compaixão. Ele deve ter pensado na quantidade de pessoas que iriam perder suas vidas, no quão profundo seria o sofrimento que elas sentiriam. Porém, se entregasse a sua vida, todo o sofrimento alheio seria evitado.

O outro exemplo parece ter um cuidado ainda maior por Schopenhauer ao ser citado duas vezes. A primeira vez em “*O mundo como Vontade e como representação*” e depois em “*Sobre o fundamento da moral*”. Arnold von Winkelried é um herói da história Sueca. De acordo com a história, Winkelried foi um soldado suíço que fez parte do exército da antiga confederação sueca. O seu sacrifício garantiu a vitória contra o exército Austríaco na batalha de Sempach em 9 de julho de 1386.

Arnold von Winkelried, quando gritou “adiante, confederados, pensem na minha mulher e nos meus filhos” e depois abraçou tantas lanças inimigas quanto pôde, teve um interesse próprio? Não posso pensá-lo, pense-o quem puder. (SCHOPENHAUER, 2001, p.130)

Foi pensando em sua esposa e filhos que Winkelried cometeu tal ato contra a própria vida. Sabia ele que seu autossacrifício traria a vitória e, por consequência, salvaria seus entes queridos. Este é o caso da justiça espontânea a qual Schopenhauer afirma que são “ações às quais temos de atribuir autêntico valor moral”⁵³. O que seria mais impressionante a ponto de refletirmos sobre a nossa própria nobreza de espírito do que este ato de caridade e de compaixão? O autossacrifício nos parece ser um autêntico e genuíno ato de amor. Não parece que haja um outro impulso motivador para quem comete um suicídio para salvar alguém de um sofrimento senão o amor.

O amor que insistimos aqui não é como *eros*, por sua vez, é visto como impulso sexual que, nada mais é, do que a afirmação da Vontade.

⁵² KURY, Dicionário de mitologia grega e romana, 2008, p.90.

⁵³ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p.119.

Quando, então, sem esquecermos disso, consideramos o papel importante que o impulso sexual desempenha, em todas as gradações e nuances, não só nas peças de teatro e romances, mas também no mundo real, onde ele, ao lado do amor à vida, mostra-se como a mais forte e ativas das molas propulsoras, absorvendo ininterruptamente a metade das forças e pensamentos da parte mais jovem da humanidade. (SCHOPENHAUER, 2000, p.7)

O amor que insistentemente falamos aqui, é o amor como *caritas*. O amor original muito usado no Novo Testamento para designar o amor de Deus, ou que “Deus é amor”⁵⁴. Este amor que transpassa o princípio de individuação na sua essência que “conduz à redenção, a saber, à renúncia completa da Vontade de vida”.⁵⁵

Talvez surja algum pensamento mais pessimista quanto a existência de tal sentimento, mas para os mais duvidosos, como explicar então o autossacrifício senão pelo amor? Se “todo amor é compaixão”⁵⁶ e o sentimento da compaixão “é a base efetiva de toda justiça livre e de toda caridade genuína”⁵⁷, talvez concordemos que o autosacrifício seja uma ação que negue a Vontade, ou seja, um suicídio que, portanto, seja virtuoso e moral.

Conclusão

Ao longo do trabalho, nosso objetivo foi promover um debate acerca do pensamento schopenhaueriano com relação ao suicídio no autossacrifício. Expusemos inicialmente a metafísica da Vontade para entendermos como funciona o argumento ontológico de Schopenhauer e como fundamentará os juízos do filósofo a respeito da ética, da morte e do suicídio.

A Vontade como essência, como coisa em si difere das múltiplas vontades que são o seu reflexo, estas são as representações. Estas vontades que estão condicionadas ao princípio de razão, que são aparências, são plurais e estão sob a tutela do tempo e do espaço. Conhecemos o mundo através do corpo e, a partir dele, afirmamos a Vontade. “Toda ação sobre o corpo é

⁵⁴ Do latim Deus caritas est (1João 4:8)

⁵⁵ SCHOPENHAUER, MVR, I, 2015, p. 435.

⁵⁶ Ibid., p.435.

⁵⁷ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p.136.

também simultânea e imediatamente ação sobre a Vontade”⁵⁸. Schopenhauer nos mostra que a vida é essencialmente sofrimento, pois não conhecemos a satisfação definitiva. A Vontade é um ímpeto irracional e voraz que jamais se sacia.

É nesse sentido que entendemos que somos meras marionetes da Vontade. Impulsionados a sempre buscar por prazeres cada vez mais duradouros descontroladamente e a fugir ao máximo do sofrimento e do tédio. O filósofo nos mostra que esse princípio metafísico está presente em todas as representações do mundo e isto gera um eterno conflito. Uma batalha travada por espaço e por matéria onde é mais visível entre os animais que, ora são predadores ora são presas. Em busca de sobrevivência e por prazer, agimos de modo egoísta pensando somente no bem-estar próprio. Esta é a naturalmente o modo de todo animal agir. Porém, Schopenhauer constata um fenômeno estranho o qual considera ser “o grande mistério da ética”.⁵⁹ Esse é fenômeno da compaixão, “a única fonte das ações dotadas de valor moral”.⁶⁰

A admiração por este sentimento é grandiosa por parte do autor, não só pelo fato das boas ações as quais somos movidos a fazer quando somos tomados pela compaixão, mas pelo efeito metafísico dessa ação. Ao agir de tal modo que o bem-estar alheio é o fim da ação, o agente nega a sua natureza egoísta, isto é, nega a essência da Vontade que clama em ser, a todo momento, afirmada. A negação da Vontade surge na filosofia schopenhaueriana na figura do asceta que passa por um processo, primeiro, de conhecimento da essência da Vontade e da vida como sofrimento inerente. Isto faz com que sinta um sofrimento profundo pela humanidade e, finalmente, transpassa o princípio de individuação que o fazia enxergar um ilusório distanciamento entre ele e o outro. Em seguida, o asceta mortifica a Vontade através da castidade, da pobreza voluntária, da aceitação do sofrimento em uma paciência inesgotável, por fim, se a morte vier, ele a aceita como uma tão aguardada redenção.

Sobre a morte, Schopenhauer a encara como natural e o medo que possuímos dela é explicado, também, através do seu argumento metafísico. A

⁵⁸ SCHOPENHAUER, MVR, I, 2015, p.118.

⁵⁹ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p.136.

⁶⁰ Id. Ibidem., p.137.

nossa essência não é destruída depois da morte, pois fazemos parte de um ciclo interminável entre nascimento e morte. Inseridos no *Samsara*⁶¹. A manutenção da vida é uma forma genuína de afirmação da Vida assim como a procriação, pois é através do corpo que a Vontade é afirmada constantemente. Não faz sentido, para ele, temermos a morte. A aceitação viria a partir do conhecimento da nossa essência. Diferentemente de seu discípulo Mainländer que acreditava no desprezo da morte e na confiança em Deus para superar o temor da morte.

Diante desse cenário metafísico da Vontade e de sua ética da compaixão que entramos no problema do suicídio. Seu argumento metafísico, para ele, é suficiente para mostrar que a escolha pela morte violenta é tola e inútil. Camus afirmou uma vez que “nunca viu ninguém morrer por causa do argumento ontológico”⁶², mas parece que Schopenhauer acreditava que o seu argumento, ao menos, serviria para convencer alguém de não se matar. Para ele, o suicida confunde fenômeno e coisa em si. O que cessa na morte é a representação, não a Vontade. Por isso seria inútil, pois nada adiantaria. Na verdade, o que mais o suicida quer é a vida, não a morte. Ele queria viver, mas não qualquer vida. Somente a vida faça jus a sua vontade, ao seu desejo. “Precisamente porque o suicida não pode cessar de querer, cessa de viver, e a Vontade afirma-se justamente pela supressão de sua aparência, pois não pode mais afirmar-se de outro modo”⁶³.

Com todos os conceitos e argumentos expostos, levantamos então a investigação acerca da possível interpretação do pensamento schopenhaueriano diante do fenômeno do autosacrifício. É um ato egoísta ou altruísta? A Vontade é afirmada ou negada diante da morte voluntária com o fim no bem-estar alheio?

Entendemos que seja um ato de valorosa compaixão e movido por um raro amor. Defendemos que não só o desespero ou egoísmo que motiva o ato suicida. Investigamos a observação de Schopenhauer para um ato de valor moral na condição de contentamento chamado aplauso da consciência, isto é, num ato desinteressado que cause um contentamento interno ao agente e ao

⁶¹ Samsara nas religiões indianas (Hinduísmo, Budismo e Jainismo) significa um fluxo incessante de renascimento dos mundos pelos seres dotados de sensações e sentimentos.

⁶² CAMUS, O mito de Sísifo, 2017, p.19.

⁶³ SCHOPENHAUER, MVR, I, 2015, p.463.

público externo que não participa do ato. Ora, qual sujeito de bom coração não irá se emocionar e respeitar quem entrega a sua própria vida para salvar um estranho ou a pessoa amada?

Esse sujeito age através de uma forte emoção amorosa a ponto de negar completamente a si mesmo em prol do bem-estar da pessoa amada. Quando isso ocorre, não nos parece possível que haja qualquer espécie de análise racional por parte do agente, pois se isso fosse possível, esse sujeito jamais faria tal escolha que não tivesse o bem próprio como fim. A natureza do homem schopenhaueriano é egoísta.

A legitimidade do ato moral se dá através de um concomitante reconhecimento íntimo e público, ou seja, através dos aplausos da consciência do agente e das testemunhas. Apesar dessa condição, o agente do autossacrifício não espera a admiração como legislador moral da sua ação. Será que Codro pensou que seria uma boa ideia morrer nas mãos dos peloponésios por vaidade? Será que Arnold von Winkelried esperava aplausos de seus companheiros no exército ao abraçar todas aquelas lanças contra o peito por sua família? Acreditamos que não. Porém, se ainda alguém acredita que possa haver algum motivo egoísta que influencie o autossacrifício, nos valemos da mesma opinião de Schopenhauer ao afirmar que isto seria um “truque ilícito”⁶⁴ e “são muito poucos os que duvidam disso e não tem a convicção, a partir da própria experiência, de que, muitas vezes, as pessoas se comportam de modo justo única e exclusivamente a fim de que não ocorra com os demais qualquer injustiça”.⁶⁵

Nosso segundo ponto de investigação em busca de sustentação a favor do autossacrifício foi considerar o amor como motivação deste suicida. Diferenciamos o autossacrifício do fenômeno da ascese, pois não se trata de um ato processual, mas imediato. O asceta passa por uma série de privações, autoflagelos pacientemente até chegar ao fim por inanição. A Vontade deve ser negada a todo momento no processo da ascese. Ao contrário do autossacrifício.

Resgatamos exemplos dos mártires citados por Schopenhauer e enfatizamos os casos de Codro e Winkelried. Este segundo fora citado, ao

⁶⁴ SCHOPENHAUER, FM, 2001, p.129

⁶⁵ Ibid., p.129

menos, em duas obras. Novamente, o sentimento do amor (*caritas*) está fortemente impregnado. Diante da ligação entre compaixão e o amor onde “Toda compaixão é amor”⁶⁶, podemos afirmar que então o suicídio através do autossacrifício seja um ato dotado de valor moral, ou seja, uma negação da Vontade.

Referências:

BAQUEDANO, Sandra. “¿Voluntad de vivir o Voluntad de morir? El suicidio en Schopenhauer y Mainländer.” *Revista de Filosofia Volumen 63*, (2007) 117-126

BÉZIAU, Jean-Yves. “O suicídio segundo Arthur Schopenhauer”, in *Revista Discurso*, nº28, 1997: p. 128-143.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. – 9ª edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2017

DALCOL, Mônica Saldanha. *A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer*. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 8. ed, 2008.

MAINLADER Philipp. *La filosofía de la redención*. Trad.de Sandra Baquedano. Chile: FCE, 2011.

MINOIS, George. *História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. Trad. De Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OCAMPO, G. *¿Por qué el tema del suicidio importa a la filosofía?* Inciso, 19 (2017): 148-157. Disponível em: <https://revistas.ugca.edu.co/index.php/inciso/article/view/756/1165> . Acesso em 04 de out. 2019

PEREIRA, Gilmara Coutinho. “O Des-esperar como negação da vontade.” *Revista Lampejo* Nº5 (2014): 136-150.

PIRATELI, Marcelo Augusto; MELO, José Joaquim Pereira. *A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca*. *Revista Acta Sci. Human Soc. Sci*, Maringá, v.28, n.1,p.63-71,2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/183/>

⁶⁶ SCHOPENHAUER, MVR, I, p.435.

133> Acesso em 04 de out. 2019

RAMOS, Flamarion Caldeira. “O pessimismo e a questão social em *Philipp Mainländer*”. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 10 (2007) 35-50

SALVIANO, Jarlee. *A metafísica da morte de Schopenhauer*. *ethic@ - An international Journal for Moral Philosophy*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 187-197, set. 2012. ISSN 1677-2954. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/16772954.2012v11nesp1p187>>. Acesso em: 19 out. 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — 2.ed. — São Paulo: Editora UNESP, 2015

_____. *Sobre o fundamento da moral*. Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Sobre a ética*. Trad. De Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012

_____. *Metafísica do amor; metafísica da morte*. Trad. Jair Barboza: revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Sobre o Suicídio. in Os Filósofos e o Suicídio*. Trad. de Fernando Rey Puente. Organização de Fernando Rey Puente. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

STAUDT, Leo Afonso. *O significado moral das ações como negação da Vontade para Arthur Schopenhauer*. *Revista de Filosofia Aurora*, [S.l.], v. 19, n. 25, p. 273-303, maio 2007. ISSN 1980-5934. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1180>>. Acesso em: 12 out. 2019.